Sem legalidade não há combate ao banditismo

N. 14/5/84 p. 3

— Presidente Samora Machel em encontro com representantes das estruturas de base da cidade de Maputo

Durante a reunião que orientou no passado sábado, com representantes das estruturas de base ao nível da cidade de Maputo, o Presidente do Partido Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique, Marechal Samora Machel, proferiu, de improviso, um importante discurso, que teve como um dos seus pontos fundamentais a necessidade da observância da legalidade, para que possamos levar avante, com sucesso, o combate contra os bandidos armados. No encontro, o Marechal da República deu a conhecer que a população de Maputo vai receber armas para, após treinos, participar na autodefesa. É o seguinte o texto do discurso proferido pelo Chefe do Estado moçambicano:

«Obrigado população de Maputo por este convite que nos fizeram para participar na procura de soluções para alguns problemas.

Esta é a tradição do Povo moçambicano. É uma conquista do nosso Partido Frelimo, a de discutir os nossos problemas democrática e publicamente, para que encontremos soluções publicamente, para que resolvamos os nossos problemas publicamente.

Assim diremos: o poder é nosso, as decisões são nossas. Nós é que vamos aplicar essas decisões.

Nesta reunião, definiremos os nossos inimigos, que violentam a sociedade moçambicana, que destroem as nossas conquistas, que impedem a consolidação da nossa independência e da nossa unidade nacional, força principal do Povo moçambicano.

Violentam-nos não com palavras; violentam-nos com as armas e criam-nos enormes dificuldades. Desviam-nos dos problemas essenciais do Povo: fome, nudez, analfabetismo, miséria, subdesenvolvimento e atraso do nosso País.

Impedem que definamos correctamente as direcções do nosso combate, da nossa luta. Impedem que realizemos com sucesso os nossos objectivos: bem-estar e produção de bens materiais.

Não compramos o algodão; o algodão não chega às fábricas para a produção da capulana. Impedem a produção do algodão, impedem a comercialização do algodão e impedem o escoamento do algodão. Impedem a comercialização do milho, impedem o seu escoamento e, por isso, o milho n chega à cidade.

Quando queremos produzir, matam-nos; quando queremos produzir, mutilam as nossas mãos, os nossos braços, os instrumentos materializadores do nosso pensamento. Cortam-nos as pernas, que transportam a ideia para a terra, as pernas que transportam o corpo para o lugar de trabalho.

Podemos sair do subdesenvolvimento assim? (Não).

Destroem o carro que nos transporta; queimam combustíveis, para que os tractores não produzam, para que os carros não circulem.

Há dúvid s de que são agentes do colonialismo? Há dúvidas de que são inimigos da nossa independência? Há dúvidas de que são inimigos do desenvolvimento da nossa economia para melhorarmos a nossa vida?

Não há dúvidas!

Nesta campanha de sanha assassina, matam os nossos filhos, o futuro da Nação; destroem as nossas escolas, que combatem o analfabetismo, a ignorância e a superstição para nos mantermos na escuridão. A escola é o petromax que nos conduz para fora da escuridão. A escola não só é a base para o Povo tomar o poder, mas também é a lanterna, é o petromax que nos conduz para fora da escuridão. Destroem esse petromax.

Sairemos do analfabetismo assim? (Não!).

Sairemos da ignorância assim? (Não!).

Sairemos da superstição? (Não!).

Então, faremos da superstição nossa ciência?

Vocês sabem isto tudo. A nossa independência teve sempre inimigos. Inimigos internos e inimigos externos. Vencemos, como cantaram aqui. A nossa guerra produziu heróis, homens corajosos, homens combativos, decididos e determinados, mas também produziu criminosos e traidores. A nossa guerra produziu servidores fiéis ao Povo, mas também produziu inimigos figadais do Povo.

Há gente que até hoje não sabe o que é Pátria, a coisa mais preciosa, mais bela, o tesouro da Humanidade — Ter Pátria. Batermo-nos pela Pátria, pela consolidação da nossa independência, pela consolidação da nossa unidade nacional, consolidação da República Popular de Moçambique, País africano, Não-Alinhado, Socialista; País anti-imperialista, anti-colonialista, anti-racista, anti-tribalista. República que desenvolve e deposita a sua confiança na juventude, no saber do homem, independentemente da cor da sua pele.

Talento, dedicação, devoção pela causa do Povo, pela causa da Paz, pela causa do Socialismo é o que exigimos do homem.

Depositamos confiança nas nossas mães, nas nossas mulheres, nas nossas filhas, nas nossas companheiras, nossas mulheres, criadoras da História, consolidadoras dos lares, em síntese, da sociedade. Depositamos no jovem a nossa confiança no homem talentoso e no trabalhador moçambicano e fazemos das nossas crianças flores que nunca murcham.

É isso que eles destroem, não com palavras, mas com minas, com espingardas, com bazucas, com metralhadoras. Fomentam a candonga. (Vocês cantaram isso aqui, não é verdade? Já apresentaram as vossas preocupações às **estruturas competentes.** São estas aqui as **estruturas competentes.** Vieram cantar, dizer que o público é quem sofre. Vocês são o público. A mensagem foi bem recebida. Já a apresentaram; obrigado makwaelistas.

AS EXIGÊNCIAS DE UMA CIDADE

Sabem quantos somos na Cidade de Maputo?

A Cidade de Maputo tem um milhão de habitantes. Este milhão de habitantes necessita de transporte, todos os dias; necessita de hospital. Os nossos filhos necessitam da escola, necessitam do arroz, do milho, da farinha, do amendoim, do óleo, do sabão, sabonete, do perfume e do batom.

Este um milhão necessita, todos os dias, de barbeiro, tesouras, lâminas e pentes. Necessita de petróleo para os candeeiros e petromax, necessita de gás; necessita de energia, de pratos, de colheres, de chávenas, de panelas e de bules, todos os dias. Necessita de sapatos, de sapatilhas para homens, para senhoras e para crianças; necessita de peúgas para homens e meias de senhoras (conforme a tonalidade da pele). Necessita de fogão, necessita de geleira, de fraldas para as crianças, de máquina de costura

e da modista. Necessita de leite para a criança; necessita de cenoura, de alface, de couve e de cebola; necessita de peixe, de carne e de ovos. Um milhão de habitantes.

A Província do Niassa tem metade da população da Cidade de Maputo. São 500 mil habitantes. Uma Província com 129 mil quilómetros quadrados. Maior do que a Bulgária, maior do que a RDA, maior do que Portugal. Isto só o Niassa.

A República Democrática Alemã, em relação ao Niassa, é um país pequeno. Mas tem 18 milhões de habitantes. Dezoito milhões que cabem só no Niassa. E nós não temos essa população em todo o País. Esses necessitam também todos os dias de capulana, lenço de cabeça, o lenço de mão, também. (Já passou a época de assoar para o chão, não é? Estamos na época do lenço. Já não se lança para o chão. Guarda-se no bolso). Parecendo que não, necessitamos deste lenço.

A nossa filha, quando vai à escola, o rapaz, quando vai à escola, necessitam do lenço. Necessitamos de saia, de blusa, de vestido; exigências da cidade. A cidade é o ponto mais sensível da sociedade. Necessitamos de ter salão de chá; necessitamos do café; necessitamos do cabeleireiro, do barbeiro. Necessitamos das modistas, sapateiros, de alfaiates. Necessitamos de oficinas para a reparação das nossas bicicletas, oficinas para a produção de enxadas e de baldes. Necessitamos ainda do xipefu (ainda não acabou). Necessitamos ainda de boutiques.

Neste País, para se ser vendedor de «mundle», era preciso ser-se português; para se ser vendedor de estacas, era preciso ser-se português; para se ser vendedor de carvão, de ovos e de tudo isto que eu enumerei, era preciso ser-se português. Para se ser taxeiro neste País, era preciso ser-se português. Quem perdeu estas coisas entre vocês? Levante a mão quem perdeu a sua cantina, aquele que a sua cantina no tempo colonial estava bem abastecida e que agora já não está. Levante o braço quem tinha cantina, quem era dono de táxi no tempo colonial. Levante a mão, quem tinha uma garagem. Ning

Por isso, estes novos comerciantes, que produzimos, querem ga uma vez só. Está aí a origem da especulação, também.

Para ter uma loja, é preciso uma certa cultura. A loja, o mercado, a barbearia, o salão de chá, exigem educação e boas maneiras. Ser civilizado, ter boas maneiras, é uma parte dos nossos problemas. Nossas **insuficiências.**

Quem tinha boutique aqui? Quando muito, aqui havia vendedores de banana. Isso sim! Vendedores de couve, vendedores de «mundle», contado à mão. Não tinham balança, a balança era a sua própria mão. Agora iss já acabou. Homens, quando m , aqui, vendiam «marrumbo». lam com o burro desde Malhangalene até à Missão de S. José, com uma folha de árvore, para enxotar as moscas, não é isso?

Agora chegou a independência. Primeira coisa que vos deu: casas. No dia das nacionalizações, dissemos que não queremos pilão lá dentro. Mas teimam em pilar nos prédios. Esses prédios não vão cair?

Há muitas coisas que devemos proteger, meus amigos. Devemos fazer uma pequena retrospectiva do nosso passado, para podermos compreender o fenômeno das nossas dificuldades. Entenderam?

Aqui, havia negócio de moleques, que vinham de Gaza e Inhambane. Eram vendidos pelo Sá e mais quem? Oliveiras. Uma parte vendia aqui e o Governo vendia a outra para à África do Sul. Com a independência, vocês deixaram de ser mercadoria. Um cacho de bananas custa 75. Vocês custavam também 75.

Essas são as dificuldades que temos que resolver para nos sentirmos donos deste País. Este País não era nosso e não podíamos ter esta ocasião de falarmos dos nossos problemas.

Mas sobrepõem-se vários problemas, ao mesmo tempo. Quais os prioritários a serem resolvidos? Por onde começar?

Primeiro, ter quadros. Não são esses quadros que o colonialismo nos deixou. Aqueles eram quadros de gravata e casaco para pendurar na cadeira, quando chegassem ao escritório. Só! Imitar o estilo do português. São esses que foram promovidos a directores. Não sabem o que é o Povo.

Quando proclamámos a independência, onde é que iríamos buscar os quadros? Pelo menos estavam no escritório para saber onde é que ficava o nome da Joana nos arquivos. Enfim ... isso é o que sabem fazer. E agora, nós chegámos, demos-lhes um curso de três meses ou seis meses para serem administradores. O administrador, no tempo colonial, vinha da Universidade. Aqui, o chefe de Posto tinha o 7.º ano do Liceu e três anos de curso em Portugal para aprender a governar indígenas. A justiça era a palmatória. Nós abolimos a palmatória, abolimos o régulo. Agora vocês é que devem governar. E vocês vêm ter connosco e dizem: **Ah, as estruturas.** Nós pensamos que **as estruturas** são vocês. Entendem? É por isso que se chama **Poder do Povo, Poder Popular.** Havia polícia aqui, no tempo colonial; havia auxiliares, sipaios. Foram promovidos, no Ministério do Interior. Agora são agentes de investigação!

Proclamámos a independência e promovêmo-los. Escriturários, terceiros escriturários, segundos escriturários, aspirantes, foram promovidos a directores no Ministério da Justiça e em vários Ministérios, para apoiar o Povo. Esse é que é o vosso Poder.

Portanto, a incapacidade não é destas pessoas. Se nós formos incapazes, somos todos nós, o Povo inteiro moçambicano, que assumiu o Poder no dia 25 de Junho de 1975.

Então, vamos governar este País, do Rovuma até o aputo. Mas a primeira coisa que devemos resolver é

gonha de não saber. Este é que é o mal é ter vergonha de aprender o que não sabe, porque já foi promovido, é director. Entenderam?

Se me virar aqui para os directores, estruturas a quem foram apresentados os problemas, e perguntar quem quer aprender, ninguém levantará o braço. Começando aqui entre nós. Se lutamos para esconder a vergonha, como é que vamos resolver este problema? Nós lutamos para esconder a ignorância, lutamos para esconder o nosso analfabetismo, o desconhecimento das coisas. Por isso, temos essas dificuldades imensas.

TAREFAS IMEDIATAS

Mas há certas missões, certas tarefas que são inadiáveis. Não pode ser adiada a defesa do Povo. Não podemos assistir, neste nosso País, ilegalidades, irregularidades. Violentar as crianças, jovens, violentar mulheres. Isso não queremos.

O que não podemos é adiar o combate contra o racismo. Isso não podemos adiar, entendem? Esta missão não pode ser adiada, tem que ser diária, para formarmos esta Nação moçambicana fo te.

O combate que não podemos adiar, para amanhã é a liquidação da fome no País.

Este ano choveu, não é verdade? Tanto que houve inundações! É um País atrasado, este. Antes da chuva, fizemos campanha no Mundo para pedirmos comida por causa da seca. Choveu, vieram as inundações e então pedimos outra vez comida ao Mundo. Que País é este? Vejam o que dá o analfabetismo! Porque não temos engenheiros para dominar as águas dos rios e produzirmos todo o ano.

Fizemos alguns projectos grandes para a produção de comida nas províncias do Norte, e mesmo aqui. Mas o rio Incomáti estava seco. E quando veio a água, destruiu e matou gente. Agora, talvez há um mês, não chove. Está a secar outra vez. Mas o rio passa muito perto. É a nossa ignorância. Não podemos adiar isto.

Temos que resolver o problema de comida, nas cidades, sem particular Maputo e Beira. Em primeiro lugar, o abastecimento de bens essenciais. Temos que lutar para descobrirmos

e como fabricar dinheiro em divisas para comprarmos tudo o que aqui enumerámos, para tudo isso estar nas prateleiras, seguindo os canais legais, não a especulação que aqui cantaram, não a candonga que aqui foi referida.

Causa-nos uma certa tristeza ver gente de Maputo assim como está. Sobretudo quando desfilaram no 1.º de Maio. Aí sentimos que o nosso nível de vida desceu bastante.

Por isso, o Comité Central e a Assembleia Popular, os nossos dois órgãos máximos, traçaram as direcções principais: primeiro, para que haja isto que aqui nós dissemos, é necessária uma luta sem tréguas contra os bandidos armados, para garantir que os produtos cheguem à cidade de Maputo e à Beira, para garantir que nos distritos haja comida, para garantir que nos distritos produzam, para garantir que todos circulem e os produtos sejam escoados, para garantir que todos viajem tranquilamente. Essa missão, o Partido e a Assembleia Popular definiram como tarefa prioritária.

Era isso que estava a dizer o 1.º Secretário da Cidade de Maputo. Entendi muito bem. Falou que temos dificuldades. Vocês querem que a Cidade de Maputo seja modelo no Mundo em tranquilidade, cidade inexpugnável, intocável, de dia e de noite.

Mas há certas estruturas que não entendem que vocês querem estabelecer a vossa própria defesa. O Povo não pode ser defendido, o Povo é o fazedor de História, produtor da sua cultura, da sua arte. Esta arte militar, que nós temos, é produto do Povo moçambicano. Começámos a desconfiar do Povo: o que vai fazer este Povo com as armas? E nós temos armas. Por isso, o 1.º Secretário pediu-me para vir aqui. Por isso eu aceitei vir.

Mas eu não vim só pronunciar palavras, como fizemos em 82 e não foi cumprido: Equipar o Povo, armar o Povo. Fizeram um pouco. Força de soda. Fazer cheirar a arma e esconde-la outra vez.

Estão aqui os chefes. São estes que não dão armas e, para justificar isso, dizem que vocês não sabem manejar ar as.

É por isso que o Mabote está a sorrir e diz: Oh, já disse tudo.

Todos estes querem defender a sua vida. Quem é o bandido?

Há uma semana, todos os responsáveis estão a participar na capacitação, reestruturação e responsabilização das Forças Armadas e das Forças Policiais. Nós queremos que a cidade de Maputo seja defendida por vocês. Pode haver um grupo de, quando muito, mil soldados. Cada soldado é capaz de lutar com 10 bandidos. Então, serão mil soldados contra 10 mil inimigos.

Estamos a trabalhar na Polícia. Este trabalho não é só contra o bandido armado, é contra a ilegalidade, é contra o andar a prender pessoas, manter as pessoas um ano, dois, três anos sem serem julgadas. Violação da Constituição da República Popular de Moçambique.

Se eu pedir aqui — não quero fazê-lo — que levantem as mãos, os que têm familiares presos, oh!... Podemos lutar contra o bandido assim? Se a nossa acção é dirigida contra o Povo...

Por isso eu não quero perguntar. Senão, saio daqui com vergonha, e não quero sair com vergonha. São irmãos, são maridos, são primos e são cunhados, presos anos a fio sem serem julgados.

Em todo o Mundo prende-se, não é verdade? Mas é preciso julgar e dizer a todos: este foi preso por causa disto e daquilo.

Ao sair da prisão, dizer: «Olha, não encontrámos crime nenhum, este não é criminoso, não é bandido». Para poderem ser bem recebidos nos seus lares. E a mulher também ficar tranquila: «O meu marido estava detido, sim, mas não é criminoso, não é bandido».

São estes que nos introduzimos na Polícia e que serviam o colonialismo. E quando se sai da prisão, não há explicação. Como é que vão olhar para mim e sobretudo quando não explicam? Como é que me vão receber os meus amigos, os meus cunhados, os meus primos e os meus tios?

É isto que nos leva a relaxar a vigilância na luta contra os bandidos armados. Desviamo-nos da nossa tarefa principal.

Particularmente as Forças Armadas, não devem prender ninguém. O Exército não é sua vocação andar a prender pessoas, a bater nas pessoas. Duas estruturas só têm vocação para prender: Ministério do Interior — e imediatamente fazer o processo, não guardar a pessoa, porque não é amendoim, a pessoa não é mandioca — e o SNASP — estes não prendem como os polícias, são casos especiais, esses. Entendem?

Se nós não resolvemos também o problema da ilegalidade, então não vamos combater contra bandidos armados. Não prendemos o bandido armado e criamos confusão no nosso seio. Mas estão aqui os três. Está aqui o Guebuza, é Ministro do Interior, ele é quem prende e deixa muita gente lá; está aqui o Mariano. Prende e deixa muita gente lá e esquece-se. São membros do Bureau Político.

Há ilegalidade em toda a cidade. Já não sabemos quem é o bandido armado.

Os do Mabote andam a criar prisões secretas... Prendem e guardam. E não são capazes de elaborar processos, porque não é da sua vocação. As Forças Armadas não têm essa vocação de instaurar processos e mandar para o Tribunal. Por isso, guardam e depois tiram. Em vez de dar comida aos soldados dele, anda a dar àqueles que andam a prender. Vamos resolver, Mariano e Mabote, este problema para lutarmos contra o bandido. Guebuza: resolve este problema, para podermos lutar contra o bandido armado.

E, finalmente, meus amigos, vamos enviar-vos instrutores, que é o vosso pedido essencial. Instrutores para a defesa das vossas fábricas, para a defesa das vossas empresas, para a defesa da cidade. Vamos formar chefes entre vocês. Chefes dos milicianos.

Já nomeámos o Comandante da Cidade de Maputo e a sua estrutura, para onde vocês devem telefonar.

Já escolhemos os instrutores para vos ensinarem, tal e qual como ensinamos o nosso soldado, o miliciano. O miliciano tem que ser altamente político, altamente educado, civilizado e cortês. Não tocar uma senhora de qualquer maneira. Isso era no tempo de Manicusse. O «gentleman», quando pede a uma senhora, faz assim: «Minha senhora, faça o favor de se identificar».

Não é assim: «eh, anda cá!...»

Ninguém ficaria satisfeito de saber que a sua mulher, a sua irmã, a sua prima foi desrespeitada na rua.

Quando se fala com uma senhora, é assim: «Faça favor, minha senhora, pode dar-me o seu documento... Faça favor, para onde vai a senhora...»

Não é assim: «Anda cá».

Sabem, é que nós viemos de muito longe, onde a mulher não é nada. Então trazemos esses hábitos até nas cidades.

Tocar uma senhora é proibido. É preciso saber dar lugar a uma senhora. Não andar a empurrar as senhoras. Este é que é o nosso problema também: falta de educação, falta de ética e de brio profissional do Polícia, do militar e dos outros. Por causa da origem, também.

As senhoras também, no meio da rua, tiram o peito para amamentar a criança. Na cidade de Maputo, vocês também fazem. Eu vejo isso quando estou no carro. Tirar o peito em público!

A luta continua, contra essas coisas.

A luta continua, pela conquista da cultura.

A luta continua, pela conquista da ética.

A luta continua, pela conquista do brio profissional, pela construção da sociedade moderna exemplar.

A luta continua, pelo bem-estar.

Vão receber armas. Vamos determinar os centros de treino, hora, programação, tudo. Eu sei que vocês vão vencer também a ilegalidade aqui na cidade de Maputo. Todos somos contra a ilegalidade.

Apontei o Guebuza, mas não é ele que comete as ilegalidades. É o pessoal que eu descrevi aqui. O tipo de pessoal que está lá no Ministério do Interior. Apresentei o Mariano. Não é ele. Às vezes perde o controlo dos seus agentes. Então, cada um é chefe, cada um é poder, também.

A luta continua, pela consolidação do poder popular.

A luta continua, pela consolidação da democracia popular.

A luta continua, contra o medo.

A luta continua, contra o terror. Não queremos terror aqui.

A luta continua, pela tranquilidade e sossego.

Eu queria mostrar-vos os elementos que serão vossos instrutores, para verem como é que eles marcham. Se nós estamos desorganizados, como é que iremos à machamba do Povo, como cantámos aqui?

Sabem, esta coisa de ilegalidade de que estamos a falar aqui, prisões arbitrárias, começaram a criar, muito fortemente aqui na cidade de Maputo, sentimentos de tribalismo e racismo. Aqui é o túmulo do racismo, aqui é o túmulo do tribalismo. Não há brancos, não há pretos, só há moçambicanos. Justiça igual para todos. Somos o Povo moçambicano, do Rovuma ao Maputo. O racismo já nos custou sangue, durante a guerra de libertação nacional. O racismo, o tribalismo, dispersaram-nos muito. Atrasaram a nossa guerra de libertação nacional. Sejamos exemplo em todo o Mundo e em África, particularmente. Sejamos modelo. Entenderam, amigos?

Aqueles que querem ser tribalistas, levantem os braços. Levantem aqueles que querem ser racistas. Levantem os braços e declarem: «Nós queremos ser racistas, tribalistas». Aqui havia manhembane, muchope, machangana, ronga. Estes é que dominavam a cidade. Agora querem voltar para cá. Significa voltar a subir às árvores, não é? Somos cultos, somos civilizados, somos exemplo no Mundo e em África, particularmente.

A luta continua!

Independência ou Morte, venceremos!

Obrigado meu amigos!